

“O jangadeiro das letras cearense”: Domingos Olímpio, o escritor, a obra e os espaços de escrita.

Igor Emanuel Ramos Barroso¹

RESUMO: O presente trabalho se caracteriza por buscar na trajetória do escritor sobralense Domingos Olímpio, autor de *Luzia-Homem* o caminho de entendimento sobre sua obra e os mecanismos de produção literária de seu tempo, além dos espaços de disseminação da literatura na segunda metade do século XIX e início do XX. Além do mais, buscamos analisar a articulação do homem de letras com os projetos de crítica há uma determinada realidade histórica baseada na representação social de sua produção sobre uma temporalidade, criada a partir da operacionalização da literatura como produto de concatenação política do autor. Deste modo, pretendemos articular o romance naturalista de Domingos Olímpio, como elemento de alteridade entre sua época e as problemáticas com o qual *Luzia-Homem* suscitou em seu enredo. Outro aspecto importante é trabalhar a recepção do romance tendo em vista, ser um elemento influenciador no entendimento do papel do mesmo em um momento declínio do naturalismo no Brasil, ou seja, o “campo” perde seu espaço na literatura citadina devido sobretudo, há uma série de transformações na sociedade brasileira do início século XX, ligadas à necessidades de novas temáticas literárias e problemas inseridos na dinâmica das cidades e sua vida cotidiana e distante de uma crítica social tão explorada pelo escritores naturalistas. Destarte, a literatura do início do século XX, era uma espécie de arauto de uma parcela da intelectualidade brasileira, uma voz pronta para denunciar seus vícios.

PALAVRAS-CHAVE: História. Domingos Olímpio. Recepção.

Introdução

O universo literário do início do século XX, se mostra rico quando nos apoiamos num romance específico para através da literatura entender como uma obra pode ser objeto de representação de uma série de elementos que perpassam o processo de sua fabricação. *Luzia-Homem* (1903) romance do cearense Domingos Olímpio nos possibilitou analisar como os instrumentos de divulgação literária vão ganhando forma no ambiente letrado do Rio de Janeiro pós proclamação da república.

Deste modo, buscamos a partir da escrita de *Luzia-Homem* e da biografia do autor Domingos Olímpio, compreender o ambiente literário quando da publicação do romance em 1903, salientando os espaços de escrita frequentados pelo escritor, e como eles influenciaram sua produção intelectual, como crônicas, artigos e romances. Ou seja, como livro de um escritor sem tanta tradição literária e inserido nos círculos nobres da sociedade carioca, mas que ingressou tardiamente no mundo das letras, foi recepcionado pelos seus pares numa sociedade desejosa de

1. DOMINGOS OLÍMPIO: O ESCRITOR E SEU TEMPO

O presente trabalho se caracteriza por buscar na trajetória do escritor sobralense

¹Mestrando em História Cultural pelo Programa de Mestrado Acadêmico em História (MAHIS) da Universidade Estadual do Ceará-UECE. E-mail:ramos_22@outlook.com.br

Domingos Olímpio, autor de *Luzia-Homem* o entendimento sobre sua obra e os mecanismos de produção literária de seu tempo, além dos espaços de disseminação da literatura na segunda metade do século XIX e início do XX. Além do mais, objetivamos analisar a articulação do homem de letras com os projetos de crítica há uma determinada realidade histórica baseada na representação social que sua obra discute e trata.

Deste modo, objetivamos analisar a biografia do autor Domingos Olímpio a partir da perspectiva de compreensão do indivíduo social em contraposição a do escritor engajado. Portanto, tentando entender como as duas categorias se apresentam no processo de escrita do mesmo, visando sobretudo perceber como ele, Domingos Olímpio se inseriu e se articulou com os ideais de “progresso”, “republicanismo”, “civilização”, o meio cultural e socialletrado tanto da cidade de Sobral² como do Rio de Janeiro no final do século XIX e início do XX. mudanças e inovações.

O ano era 1850 na quente Sobral¹ da metade segunda do século XIX, o Brasil, ainda, era um Império. Os anos anteriores não tinham sido tranquilos, com uma série de questões envolvendo debates políticos na Corte do Império³. Nesta megalomania de acontecimentos nacionais a “Fidelíssima Cidade de Januária do Acaraú”, elevada à categoria de cidade em 12 de janeiro de 1841, levando o pomposo nome pela fidelidade ao Império quando do “Golpe da Maioridade do imperador D. Pedro II”.

Em meio a esse cenário de metamorfoses constantes, de consolidação de grupos detentores do poder em uma cidade de economia modesta, à base principalmente do algodão e do comércio, nascia a 18 de setembro de 1850 na cidade de Sobral, Domingos Olímpio. O sobralense que ficaria conhecido por seu romance regionalista “*Luzia-Homem*” (1903), filho de uma família abastada da região⁴. Ao observar-se sua trajetória intelectual, verifica-se que,

²Sobral localiza-se na Zona Noroeste do Ceará, a 225 km de Fortaleza. Até meados do século XIX Sobral acumulava uma riqueza advinda especialmente da criação de gado e comércio de seus derivados, depois do algodão, sendo importante rota de entroncamento comercial para o Piauí e Maranhão, de modo que sua riqueza a situava em posição privilegiada em relação a Fortaleza, capital. Autônoma economicamente durante esse período, sem ligação direta com a capital, seu adensamento populacional superou aquela cidade. Foi somente no final do século XIX e início do século XX que Fortaleza consegue uma hegemonia econômica.

³O período que vai de 1841 a 1864 representa uma se importante para a consolidação da monarquia no Brasil. As rebeliões regenciais da Bahia, Pará e Maranhão estavam debeladas com a ajuda do barão de Caxias, que se transformou numa espécie de herói local. Nesse mesmo momento, o Gabinete da Maioridade anistiou os “rebeldes” que se entregaram às autoridades e, assim, o término das rebeliões separatistas foi celebrado como um novo começo, acima das possíveis divisões partidárias. SCHWARCZ, Lília M; STARLING, Heloisa M. Brasil: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras. 2015, p. 271.

⁴Domingos Olympio (sic) Braga Cavalcanti, filho de Antonio Raymundo de Holanda Cavalcanti e Rita de Cassi [sic] Pinto Braga (Rita de Cassia Cavalcanti depois do matrimônio), nasceu em Sobral, Estado do Ceará, a 18 de setembro de 1850. Estudou preparatórios em Fortaleza, e formou-se em Direito na Faculdade em Recife, em 1873. Começou a escrever, na imprensa da capital pernambucana, nos tempos de acadêmico. Formado, voltou ao Ceará, onde passou a exercer a advocacia. Casou-se em primeiras nupcias (sic) no ano de 1875 com D. Adelaide Ribeiro (Cavalcanti), consórcio de que lhe vieram duas filhas. Foi depois nomeado promotor público de sua cidade natal (Sobral).

Domingos Olímpio foi um homem atuante tanto na política, jornalismo e na literatura de seu tempo. A vida de acadêmico em Pernambuco foi marcada pela inserção do jovem sobralense no mundo da imprensa. Os jornais “*O Paiz*”, “*Jornal do Commercio*” e “*Jornal do Brasil*”, quando da publicação de *Luzia-Homem* (1903), proporcionariam o sustento do escritor e o principal espaço de divulgação de seus artigos e crônicas políticas, ciência e literatura.

A formação educacional de Domingos Olímpio foi suscitada em sua autobiografia, citada pelo Pe. João Mendes Lira em *A vida e Obra de Domingos Olympio*:

Eu me formei, como se formam as rochas, por um processo de aglomeração lenta, imperceptível, sem plano, sem coordenação sistemática, cujas cristalizações vão assumindo formas monstruosas ou pitorescas, sob a ação das intempéries, as erosões do ambiente [...]

Estudei as primeiras letras pelo método de Castilho; aprendi cantando umas toadas melancólicas ensinadas pelo professor Joaquim Frederico Niaque da Costa Rubim, português de origem, morto como um bravo, no Paraguai, em defesa da Pátria adotiva. Dessa escola, eu e o Domingos Jaguaribe, saímos laureados com a medalha de ouro para curso de latim, do Padre Antônio da Silva Fialho (LIRA, 1977, p. 17).

Na citação, Domingos Olímpio narra em sua autobiografia sua formação intelectual nos anos de 1860. Ao relatar as primeiras aulas, um elemento a ser analisado na fala do autor é que, quase como um processo natural e incerto o jovem sobralense foi iniciado no universo dos livros e manuais escolares de seu tempo. O próprio escritor fantasia sua vida de estudante usando a alegoria das rochas em constituição para ilustrar o nascimento do “homem de letras” do escritor Domingos Olímpio.

Desde o seu regresso ao Ceará em 1872, Domingos Olímpio sempre despertou numa parcela de sobralenses, a admiração. Principalmente pelo trabalho que exerceu na cidade antes de ir embora no ano de 1880. Domingos Olímpio enquanto escritor sempre foi tratado como o “arauto da intelectualidade” sobralense, um discurso de engrandecimento, construído, sobretudo pela elite letrada da cidade. É que nos mostra, Dênis Melo:

O escritor é reiteradamente apropriado pela elite letrada da cidade e transformado numa espécie de “patrono da intelectualidade” sobralense. Sua obra, e em especial *Luzia-Homem*, acende o estopim de um orgulho indisfarçado, de um potencial intelectual considerado desmedido, transformando a obra numa espécie de epopeia [...] Domingos Olímpio deste modo se transforma por esse discurso não só no grande escritor, mas acima de tudo no que seria supostamente o exemplar fiel do intelectual sobralense (MELO, 2013, p. 53)

Revestido sob a armadura de “homem de letras”, Domingos Olímpio foi transformado ou alçado à posição de pioneiro no entendimento sobre a cultura, política e as mudanças da sociedade sobralense do século XIX. Portanto, o protagonismo do autor se deu no momento de maior produção de uma intelectualidade tanto local, como a nível regional na Província do

Ceará no final do século XIX.

A década de 1870, foi um período em que a Província do Ceará passou por uma série de mudanças de caráter de valorização das artes, com o surgimento de instituições, como a Academia Francesa⁵ em Fortaleza no ano de 1872. Domingos Olímpio regressou ao Ceará no mesmo ano, vindo do Recife. Formado em Direito foi contemporâneo de Tobias Barreto e Castro Alves poetas e abolicionistas negros de envergadura e posição social importantes naquele contexto social de pressão sobre o Império para abolir a escravidão. Depois de regressar a Sobral, Domingos Olímpio exerceu atividade abolicionista e jurídica na cidade, sendo nomeado promotor público em 1875. Cabe lembrar que a “Lei do Ventre livre”, tinha acabado de ser sancionada pelo governo imperial em 1871, onde proporcionou intenso debate no cenário político brasileiro do século XIX, e de certo modo, delineou os caminhos ideológicos que Domingos Olímpio seguiria.

Sobre esta questão, Sadoc de Araújo ilustra a participação de Domingos Olímpio na “Sociedade Manumissora Sobralense”, um grupo de abolicionistas da cidade Sobral em 1871:

22 de janeiro (Domingo): Houve sessão solene da “Sociedade Manumissora Sobralense” pelo Dr. Tomás Antonio Paula Pessoa. Na ocasião discursaram o Dr. Virgílio de Moraes, Dr. João Adolfo Ribeiro da Silva, Dr. Antonio Sabino do Monte, Dr. Francisco de Paula Pessoa Filho e o acadêmico Domingos Olímpio. Foi uma memorável reunião em defesa da libertação dos escravos do Brasil (ARAÚJO, 2015, p. 225).

O mais interessante é que o jovem Domingos Olímpio ainda era um acadêmico vindo do Recife, onde conheceu alguns intelectuais engajados na causa abolicionista. A escravidão foi uma temática abordada e importante na sua produção literária. A circulação nesses espaços de transmissão de valores positivistas, republicanos e abolicionistas foi sem dúvida um traço que facilitou a circulação do autor de “Luzia-Homem” em cargos públicos na cidade de Sobral, Pará e no Rio de Janeiro.

A convivência com intelectuais engajados na causa abolicionista despertou em Domingos Olímpio o engajamento na luta contra a escravidão, sendo que, possivelmente o abolicionismo do autor tenha influenciado posteriormente na escrita do romance, “O Negro”, escrito quando o mesmo estava no Rio de Janeiro e também ao seu posicionamento político, quando decidiu tornar-se partidário do republicanismo. Sobre esse fato, Carmélia Aragão cita essa fase vida do escritor sobralense:

Formado bacharel em 1873, regressou ao Ceará, onde exerceu intensa atividade

⁵A Academia Francesa, criada em 1871, com a participação de “cearenses ilustres”, como Capistrano de Abreu e Thomás Pompeu Sobrinho. Participaram ainda Tristão de Alencar Araripe Jr., João Lopes Ferreira Junior, Antonio José de Melo, Domingos Olímpio entre outros. A Academia Francesa deixou de se reunir em 1875.

jornalística como abolicionista e republicano. Em 1875, foi nomeado promotor de Sobral onde permaneceu até o final da Grande Seca de 1877-79 conhecendo a miséria dos retirantes retratados em *Luzia-Homem*. Durante sua permanência nessa cidade encenou também muitas de suas peças no Teatro Apolo, fundado por ele e alguns companheiros. Porém, a oposição ao governo dos Acioli obrigou-o a exilar-se, em 1879, em Belém do Pará, transferindo-se para o Rio de Janeiro, capital do País, apenas em 1891 (ARAGÃO, 2008, p.30).

As mudanças com a relação à valorização da cultura e da arte podem ser vistas com a fundação do Teatro Apolo, [sic] em 1872, sendo Domingos Olímpio um dos idealizadores do projeto desse espaço de manifestações das mais variadas natureza e de textos do autor de “Luzia-Homem”. A necessidade de expor suas ideias e interpretações sobre seu tempo lhe ensejou a ideia de construir juntamente com a “União Sobralense⁶” um local que fosse digno de falar sobre literatura, arte, ciência, poesia e política.

Assim sendo, os espaços de sociabilidade do autor vão tornando-se claros, com a inserção de Domingos Olímpio numa espécie de fraternidade de intelectuais, comerciantes e políticos da cidade de Sobral e de Fortaleza.

Porém, o que é o espaço literário? Como os intelectuais absorvem a ideia de escrever? Tentar responder essas perguntas é sem dúvida uma empreitada consideravelmente difícil. Discutir o espaço literário como elemento modificador no desenvolvimento social e intelectual de um escritor e de sua escrita, como cerne de uma transcendência que ultrapassa o mero desejo interior de ser intelectual, para revelar a intimidade do espírito humano em forma de palavras.

A escrita como parte essencial na produção de uma lógica narrativa é, portanto, um elemento definidor da constituição do escritor. Maurice Blanchot em *O espaço literário* (1987) traduz o ato de escrever:

Escrever é entrar na afirmação da solidão onde o fascínio ameaça. É correr o risco da ausência de tempo, onde reina o eterno recomeço. É passar do Eu ao Ele, de modo que o que me acontece não acontece a ninguém, e anônimo pelo fato de que isso me diz respeito, repete-se numa disseminação infinita. Escrever é dispor a linguagem sob o fascínio e, por ela, em ela, permanecer em contato com o meio absoluto, onde a coisa se torna imagem, onde a imagem, de alusão a uma figura se converte em alusão ao que é sem figura e, de forma desenhada sobre a ausência torna-se a presença informe dessa ausência, a abertura opaca e vazia sobre o que é quando não há mais ninguém, quando ainda não há ninguém (BLANCHOT, 1987, p.24).

A definição de Maurice Blanchot sobre o ato de escrever segue a encenação do fascínio sobre o escritor. Se lançar ao mundo da linguagem é estar num recomeço constante, onde jamais se poderá chegar a um final. Deste modo, a solidão é o preço pago por aqueles

⁶A União Sobralense foi fundada na década de setenta do século XIX, em Sobral. Seu objetivo era incentivar e valorizar uma cultura letrada na cidade a partir de um conjunto de iniciativas econômicas como a construção do Teatro São João, esse desejo partiu do próprio grupo de intelectuais criadores da instituição. JÚNIOR, Agenor Soares Silva. **Cidades Sagradas**: da “Roma cearense” à “Jerusalém Sertaneja”, a igreja católica e o desenvolvimento urbano no Ceará (1870-1920), Sobral. Ecoa. 2016.

que se aventuram por este universo da fascinação. O tempo não passa para aqueles que escrevem, ele é eternizado em pequenos movimentos de pinceladas uniformes que fazem das palavras uma forma de permanência.

No entanto, escrever é uma necessidade inerente ao desejo humano de expressar em linguagem simbólica a dimensão do seu próprio “Eu”, daquilo que o cerca. Mais uma vez Maurice Blanchot tenta esclarecer a necessidade de escrever:

A necessidade de escrever está ligada à abordagem desse ponto onde nada pode ser feito das palavras, donde se projeta a ilusão de que, se for mantido o contato com esse momento, mas voltando ao mundo da possibilidade, “tudo” poderá ser feito, “tudo” poderá ser dito. Essa necessidade deve ser reprimida e contida. Se não o for, torna-se tão ampla que não há mais lugar nem espaço para que se realize. Só se começa a escrever quando, momentaneamente, por um ardil, por um salto feliz ou pela distração da vida, consegue-se driblar esse impulso que a conduta ulterior da obra deve despertar e apaziguar de modo incessante, abrigar e afastar, dominar e sofrer sua força indomável. Movimento tão difícil e tão perigoso que todo escritor e todo artista se surpreende, de cada vez, por tê-lo realizado sem naufragar. E que muitos soçobram silenciosamente, ninguém que tenha encarado o risco de frente pode duvidar disso. Não são os recursos criativos que falam, se bem que, de todas as maneiras, sejam insuficientes, mas o mundo que, sob esse impulso, se furta: o tempo perde então o seu poder de decisão: nada mais pode realmente começar (BLANCHOT, 1987, p. 46).

A necessidade de escrever para o autor não pode se conectar ao mundo de que tudo pode ser dito a todo momento, só se escreve pelo impulso da fascinação que a vida exerce sobre o escritor e suas paixões. Porém, essa tarefa para o literato não é fácil de ser realizada, pois, pela dor ou felicidade se lança à escrita para satisfazer sua necessidade, e como havíamos falado anteriormente, o tempo perde sua capacidade de alterar a dinâmica do ato de escrever. Portanto, Domingos Olímpio escreve pela dor, pela ausência do tempo que passou e pelo desejo de perenizar sua própria vivência.

A relação de Domingos Olímpio com a literatura e o teatro, espaços de manifestação da escrita do autor é fortemente revivida por ele, em sua autobiografia citada na obra do Pe. João Mendes Lira, *A Vida e Obra de Domingos Olympio* (1977). Os romances e livros de história foram seus “companheiros” quando chegava o período de férias, quando ainda, estudava no Recife. Temos um relato sobre seu encontro com Castro Alves e sua paixão pela leitura:

Ele (Castro Alves) aparecia de calças de enfiar e camisola preta, pois lhe morrera, havia pouco, pessoa de sua família. Trazia a pena atrás da orelha e, na mão uma folha de papel; filiava um cigarro, e recitava com a voz, que era um veludo sonoro, uma estrofe lapidar, acabada de construir; assim tivemos as primazias da “Visão dos Mártires”, recitada dias depois numa tempestuosa sessão solene do “Grêmio Jurídico”. Pouco preocupado com meus estudos, porque eu apenas necessitava de uma pouca de retórica, tinturas de Algebra e noções preliminares de Geometria, atirei-me à leitura de romances: devorava todos os que passavam ao meu alcance; romances estrangeiros; li-os de um fôlego, noite e dia, desde os grandes, os enormes romances intermináveis de Alexandre Dumas pai, e de Eugène Sue. O infinito

Rocambo de Ponso du Terrali, as sinistras histórias de Paul Feval, as páginas de bronze de Vitor Hugo, os belos livros de G. Dias, e de Paulo de Kork, grande crime-literário numa quadra de exarcebados melindres religiosos e escrúpulo de moral, na qual se liam esses livros canalhas às escondidas (LIRA, 1977, p.18).

Todos esses romances foram as bases formadoras do pensamento de Domingos Olímpio. Esse relato revela a educação recebida pelo jovem sobralense no Recife. No entanto, o escritor de “Luzia-Homem” também construiria fama na cidade de Sobral por suas peças de teatro. Apoiador da construção de um local que valorizasse a arte, como o “Teatro Apolo”, participaria mais tarde da organização do grupo de intelectuais desejosos de construir a imagem de uma cidade ligada aos movimentos literários do Ceará, como a Academia Francesa do qual fez parte.

É neste espaço de produção intelectual que Domingos Olímpio, embrionariamente, iniciou sua atividade como escritor, produzindo peças e espetáculos para o entretenimento da população de Sobral. O teatro de fato, foi uma das maiores paixões do escritor, porém, mais tarde no ano de 1875, juntamente com a “União Sobralense⁷”, constituída pelos comerciantes e doutos da cidade Sobral, daria início à construção de outro teatro, o “Teatro São João”.

1.1 Escrita e recepção: Luzia-Homem um romance à moda sobralense

A República brasileira nascera nos idos de 1889, foi um momento ímpar para os intelectuais republicanos que almejavam o tão sonhado dia que o Brasil seguiria os rumos da “modernidade⁸”, que estava sendo incorporada ao plano nacional de se reestruturar a sociedade a partir dos valores advindos da Europa. O jovem Domingos Olímpio, também tinha em seu íntimo o desejo de mudança no tradicional e complicado sistema político brasileiro, ele próprio que havia deixado Sobral por problemas políticos com a família Accioly, grupo dominante na Província, como ressaltamos no primeiro tópico deste capítulo.

Sua chegada ao Rio de Janeiro, sede da capital da República em 1890, vindo de Belém onde havia trabalhado na política amazônica como deputado provincial foi marcante para sua carreira política, viveria no Rio até sua morte no ano de 1906, por complicações de saúde. Entretanto, o ano era 1903, três anos antes de Domingos Olímpio falecer fora publicado seu principal romance, “Luzia-Homem”. Obra capital para a história da literatura cearense o livro se tornaria um dos principais da chamada “Literatura das Secas”, embora muito

⁷A União Sobralense foi fundada na década de setenta do século XIX, em Sobral. Seu objetivo era incentivar e valorizar a cultura letrada na cidade a partir de um conjunto de iniciativas econômicas, como a construção do Teatro São João 1880, esse desejo partiu do próprio grupo de intelectuais criadores da instituição.

⁸Para Antonio Vitorino, Modernidade é um ideal, um desejo não concreto que se impõe em relação à substituição do “tradicional” em prol do “novo”. Ver. FILHO, Antonio Vitorino Farias. **Cidade e Modernidade**. Ipu-CE: versos e reversos de uma cidade nas primeiras décadas do século XX. Recife: Tese (Doutorado em História) – UFPE. 2013, p. 9.

posteriormente.

Domingos Olímpio foi herdeiro da geração que buscou na literatura um novo modelo para o Brasil. O desligamento de um padrão de produção fez com os escritores buscassem novas bases ideológicas para se ancorar. A França se tornou o novo espelho para estes intelectuais e teorias como o “Evolucionismo”, “Cientificismo”, “Racionalismo” e o “Positivismo⁹” se consolidaram como alicerce para formatar o novo pensamento da elite intelectual brasileira. A influência dessas correntes no modelo de escrita de um grupo de literatos foi marca cabal nos principais romances do século XIX.

Domingos Olímpio era um escritor fortemente ligado aos movimentos científicos e filosóficos do seu tempo. No entanto, com o avanço da ciência no século XIX, é inaugurado em meio a esse “boom” de desenvolvimento tecnológico o *Naturalismo*, corrente literária que surge como linha de entendimento empírico da literatura sobre a realidade em detrimento da espiritualidade, como elemento triunfante na compreensão da vida. Afrânio Coutinho e Eduardo Faria na obra, *A Literatura no Brasil*, explicita sobre o Naturalismo e o Realismo como movimentos que estavam interligados pela mesma base narrativa de fidelidade à realidade representada:

Devem-se encarar o Realismo e o Naturalismo como movimentos específicos do século XIX. Porquanto, antes de se concretizarem numa época histórica, eles eram categorias estéticas ou temperamentos artísticos, tendências gerais da alma humana em diversos tempos, como Classicismo e Romantismo, surgindo o Realismo sempre que se dá a união do espírito à vida, pela objetiva pintura da realidade. Dessa forma, há Realismo na Bíblia e em Homero, na tragédia e comédia clássicas, em Chaucer, Rabelais e Cervantes, antes de aparecer em Balzac, Stendhal e Dostoievski. Do mesmo modo, o Naturalismo existe sempre que se reage contra a espiritualização excessiva, como em certas expressões do barroco ou na ficção naturalista do século XIX (COUTINHO Afrânio e FARIA, 2004, p.4-5.)

Portanto, o que devemos entender, é que o Realismo e o Naturalismo são movimentos nascidos no século XIX. A racionalização do pensamento e a compreensão de que a metafísica não era mais um elemento central na discussão sobre a existência humana, que a realidade não era um presente dado por uma entidade superior que rege o destino de todos. O Naturalismo surgiu como uma necessidade de desmembrar a “razão” da visão divina sobre os fatos, pois, os homens e mulheres do XIX teriam na ciência o novo oráculo e auxílio para explicar as mazelas da sociedade moderna.

O romance naturalista, busca na sua essência manter a fidedignidade para com a realidade do qual se propõe discutir. As nuances de elementos que caracterizam a

⁹Sobre essas correntes ideológicas do século XIX. Ver: CARDOSO, Gleudson Passos. **Práticas letradas e a construção do mito civilizador**: “Luzes”, seca abolicionismo em Fortaleza (1860-1930). Fortaleza: Ed UECE. 2016.

sociedade, não podem se distanciar da narrativa que a corrente naturalista ensejava. Portanto, o mote do naturalismo era representar na literatura uma experiência concreta, tendo no cotidiano a base para a construção dos enredos.

Essa questão fica clara, quando pensamos no romance “Luzia-Homem”, que tem como pano de fundo um cotidiano inserido numa lógica temporal que não existia mais. A seca, os retirantes, a cidade de Sobral e as datas figuram como tentáculos de uma escrita baseada na tradução da realidade como objeto imutável, e procurando manter-se fiel a esta mesma realidade social.

No entanto, o romance naturalista do final do século XIX no Brasil, não mantinha seu partidarismo com o naturalismo surgido na Europa, especialmente de França e Portugal. As condições excepcionais da intelectualidade brasileira, possibilitou um novo arranjo literário por parte de alguns escritores de se afastar do romance-denúncia ou de não expor a realidade social dos desfavorecidos, o uso do poder político para fins próprios e a onda de corrupção da máquina pública. Seus interesses eram distintos, causando contendas entre os escritores e seus projetos:

No caso dos escritores naturalistas regionalistas, estavam em jogo vários interesses que se contrapunham e se digladiavam. De um lado, o naturalismo tentando mostrar o feio e o patológico, de outro o nacionalismo/regionalista, que precisava exaltar a figura do sertanejo como símbolo do caráter nacional. De um, a tentativa de denúncia dos problemas nacionais. De outro, o controle das elites e a aliança dos letrados com o poder. São esses alguns dos aspectos que podem ter contribuído para a pouca qualidade estética da maioria das obras ditas naturalistas regionalistas, até o surgimento do romance nordestino de trinta (OLIVEIRA, 2005, p. 61)

Os dois projetos literários, buscaram dentro de suas matrizes literárias modelos que se contrapunham, favorecendo a pobreza estética das obras naturalistas. Portanto, a elite letrada da sociedade brasileira no século XIX, se aliou ao poder das classes abastadas para confeccionar visões críticas sobre o Império, negligenciando o complexo arranjo social que a sociedade brasileira possuía.

Destarte, a representação sistemática de Domingos Olímpio sobre a Sobral de 1878, mostra que o autor interagiu com as correntes estéticas de sua época. A própria valorização do falar do homem do sertão é um aspecto que veio com a particularidade da relação entre o lugar do qual se procurava abordar homens e mulheres do campo, com seus costumes e crenças. Neste sentido, o Regionalismo ganha força na produção literária brasileira no final do século XIX e início do XX, contribuindo para o sentimento de pertencimento a terra natal.

Com a relação há escrita do romance não sabemos ao certo se o mesmo foi publicado em forma de folhetim, mas algumas informações indicam que não. Luzia-Homem teria chegado ao público carioca em formato de livro impresso, dadas as condições de circulação de obras pela cidade do Rio de Janeiro e pelo baixo número de leitores, publicar uma obra que

não fosse nos jornais e em forma de romance-folhetim, foi um feito diferenciador que afetou a leitura sobre o romance, possibilitando compreender a articulação de Domingos Olímpio para com o embrionário mercado editorial naquele início de século XX.

Sobre o romance *Luzia-Homem* o próprio Domingos Olímpio em sua autobiografia citada no livro do padre João Mendes Lira (1977), faz referência à produção do romance e outras produções como contos e os motivos de fazê-los:

Naquela época em que Camilo Castelo Branco era considerado um escritor, eu não ousei publicar as minhas produções. Mais tarde procurando acolhida nos jornais de Belém e do Rio, iniciei os artigos políticos, os folhetins, os contos e a crônica. E então surgiu a composição de “Luzia-Homem”, espelhando o resultado das observações que se operavam insensivelmente no meu espírito, com os erros, odesvios e os grandes defeitos das criações de impulso irrepreensível, por ventura melhor explorado em mãos mais hábeis. Através das suas páginas traduzi o drama num realismo que se ressentia dos impulsos do meu temperamento, a paisagem que foi o teatro da minha saudosa mocidade, no meu grande amor pela natureza cearense (11-2-1906. (LIRA, 1977, p.19-20).

O texto acima, datado de 1906, ano de sua morte e três anos depois da publicação de seu romance. Domingos Olímpio fala-nos de momentos no Pará onde começou a escrever seus contos e crônicas, como podemos observar foi apenas no Rio de Janeiro, que entraria de vez no círculo letrado brasileiro com uma participação como escritor em jornais da época. Para ele, seu romance trouxe através de suas páginas a interpretação trágica de sua juventude, pois, como num teatro da vida real pôde encenar e relembrar os momentos narrados naquela história.

Além do mais, *Luzia-Homem* foi citada em alguns jornais do Rio de Janeiro quando da sua publicação em 1903:

No gênero, porém, o melhor livro do anno, foi, acho eu, a *Luzia-Homem*, (Rio de Janeiro) de um provinciano-carioca, o Sr. Domingos Olympio. E' do Ceará o autor e da vida cearense a interessante narrativa. O novo romancista, bastante conhecido no norte do Brazil e aqui como jornalista, entra tarde na vida literaria, perdôe-me elle a indiscrição, com mais de cinquenta annos. Mas, salvo talvez uns laivos de espiritalismo romantico, o seu romance é, melhor que o de um jovem, com as inexperiencias e os excessos da juventude o de um espírito em plena madureza. A narrativa, acaso tanto ou quanto sobrecarregada de descrições, quase todas bellas aliás, de digressões e de dialogos, igualmente bem feitos, mas que porventura lucrariam em ser encurtados, podia, sem prejuizo do mérito livro, ser menos longa. Mas, repito, é interessante, e deixa-nos com a sensação de um quadro exacto e perfeito da terra e da vida cearense, a certeza de que ha no Sr. Domingos Olympio um romancista de valor, um escritor, uma imaginação de poeta, que apenas tardou em manifestar-se no livro. E', preciso, porém, para confirmar este juizo, que outros lhe sucedam¹⁰

¹⁰Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Revista Kosmos, Rio de Janeiro 14 de janeiro de 1904, p. 12

Numa coluna literária na revista “Kosmos” de 1904, assinada por José Verissimo: “*Vida Literaria ano Passado*”, um dos mais importantes escritores brasileiros da época e membro da Academia Brasileira de Letras comenta sobre os principais romances publicados no ano anterior no Rio de Janeiro, fazendo referência à obra de Domingos Olímpio, *Luzia-Homem*, diz ser do gênero o melhor livro do ano de 1903. Outro ponto que o autor pontua é com relação à tardia inserção do escritor cearense na vida literária, com mais de cinquenta anos. No entanto, para José Verissimo o romance do cearense era melhor do que o de um jovem escritor, inexperiente e com pouca maturidade literária.

Assim, percebemos o prestígio de Domingos Olímpio entre alguns intelectuais da Academia de Letras, tendo mais tarde se candidato há uma cadeira em 1905. Nesta mesma revista, Domingos Olímpio publicou como um dos colaboradores dois contos “O Doutor Conceição”, que conta a história de um jovem estudante negro e neto de uma escrava que ascende socialmente na sociedade carioca pós-abolição, com uma série de dificuldades associadas a sua descendência e cor e “Jules Verne”, conto que fala de uma expedição do autor e seus colegas à serra da Meruoca em busca de uma caverna, quando ainda morava em Sobral nos idos de 1872-1880.

Outro jornal carioca “O Fluminense” (1900-1914) também noticia em 24 de março de 1903, para seu público leitor o lançamento de uma obra do escritor cearense, Domingos Olímpio:

Domingos Olympio, cuja produção intellectual foi, é e sempre será bem acolhida, acaba de dar á luz da publicidade de um livro, um romance, emfim uma dessas belíssimas obras que registram uma época.

Luzia-Homem – eis como se intitula esse trabalho primoroso, essa excellente produção – uma obra que todos devem possuir – pois que reúne neste momento, talvez, toda a idéia da litteratura [...].

O *Luzia-Homem* tem seenas que comovem há ocasiões em que sentimos o coração apertar-se – tentamos fechar os olhos á escuridão do horror que nos arripia a espinha – mas uma luz muito clara, de um brilho muito intenso vem devastar essa escuridão : - é a prosa de Domingos Olympio sempre deliciosa, sempre doce, sempre suave, monopolizada pelo seu espirito de homem de letras que é.

Eis o que é *Luzia-Homem* de Domingos Olympio – uma obra completa, um trabalho de muito valor e além d’isto – um écho desse grito horrível do cearense quando se esforce soffrendo as calamidades da secca¹¹

Podemos observar na citação a acolhida por parte do jornal “O Fluminense”, sobre a repercussão do lançamento do romance, *Luzia-Homem*. O periódico, ainda ressalta o valor do livro para a literatura brasileira, sendo um livro que reunia naquele momento, o espírito da produção intelectual. Porém, um ponto sempre tocado é a representação trágica do Ceará durante a estiagem, o próprio texto do jornal traz contradições ao se referir a *Luzia-Homem* como um “romance doce, sempre suave”, mas também, de gritos horríveis do cearense castigado pelo flagelo da seca.

¹¹Hemeroteca da Biblioteca Nacional. O Fluminense, Rio de Janeiro 24 de março de 1903, p. 1.
Fortaleza, v. 11, n. 22 - Julho/dezembro de 2020

No entanto, o sucesso de *Luzia-Homem* não se ateve apenas ao público brasileiro, ganhou envergadura estrangeira ao ser lançado uma nota no jornal “Pharol” a 15 de maio de 1903: “*Luzia-Homem*, livro do jornalista e escritor dr. Domingos Olímpio, está sendo traduzido para o espanhol e o francoz por um diplomata platino e um jornalista francez residente no Rio¹²”. Portanto, o romance alçava voares maiores com sua tradução para duas línguas estrangeiras, circulando entre o pequeno mercado editorial do Rio de Janeiro e entre as camadas ricas de países como França e Espanha.

2. Considerações finais

Neste cenário de intensa insatisfação com o sistema político republicano, é que Domingos Olímpio lançou *Luzia-Homem*. É lógico de se pensar que o autor fazia parte do grupo de intelectuais herdeiros de uma geração que lutou pelo republicanismo e pela abolição da escravidão, mas que viu seus sonhos frustrados diante da indiferença com que seriam tratados pela administração pública do Estado republicano.

Assim sendo, *Luzia-Homem* permanece até hoje como uma das principais obras do Naturalismo-Regionalismo brasileiro do século XX. Deixou à posteridade uma visão amarga, mas crítica de um sertão e de uma população que em meio a Grande Seca de 1877-79, soube resistir à tamanha calamidade e as ações dos grupos dominantes. Portanto, como uma escrita dura e crítica Domingos Olímpio lançou para o cenário intelectual do Rio de Janeiro uma obra que marcava uma narrativa em declínio, o naturalismo estava perdendo força e mesmo assim, *Luzia-Homem* foi um marco para se analisar as questões que circulam com a publicação de romances sobre o sertão, seca e a vida no campo.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Carmélia Maria. **Luzia-Homem**: aspectos da crítica sobre uma obra. Fortaleza: Dissertação (Mestrado em Letras) – UFC, 2008.

ARAÚJO, Pe. Francisco Sadoc de. **Cronologia Sobralense**. Vol. I (1604-1800). 2 a ed. Sobral. CE: Imprensa Universitária. Fundação Vale do Acaraú. 2015, p.54.

CARDOSO, Gleudson Passos. **Práticas letradas e a construção do mito civilizador**: “luzes”, seca e abolicionismo em Fortaleza (1860-1930). Fortaleza, ed UECE. 2016.

COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria. **A literatura no Brasil**. São Paulo: 7ª edição. São Paulo, 2004.

FILHO, Antonio Vitorino Farias. **Cidade e Modernidade**. Ipu-CE: versos e reversos de uma cidade nas primeiras décadas do século XX. Recife: Tese (Doutorado em História) – UFPE.

¹²Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Pharol, Rio de Janeiro 15 de maio de 1903, p. 1

2013.

LIRA, Padre João Mendes. A vida e a obra de Domingos Olympio. Sobral- Ceará, 1977.

MAURICE, Blanchot. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

MELO, Francisco Dênis. **Os intelectuais da academia sobralense de estudos e letras ASEL: e a invenção da cidade letrada (1943-1973)** Recife: Tese (Doutorado em História)-UFPE, 2013

OLIVEIRA, Valdeci Batista de Melo. **Figurações da donzela-guerreira: Luzia-Homem e Dona Guidinha do Poço**. São Paulo: Annablume, 2005.

STARLING, Heloisa M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras. 2015.